

Alexandre Collarile Yamaguti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil

alexandre.yamaguti1@gmail.com

Recebido em: 10/08/2021

Aceito em: 29/11/2021

Um esboço da seinsanalítico-hermenêutico da noção de transferência:

A da seinsanalytic-hermeneutico outline of the notion of transference

Resumo: O presente trabalho consistiu na elaboração de um esboço, na perspectiva da seinsanalítico-hermenêutica, da noção de *transferência*. Partimos de um retorno a Freud na busca da apresentação do conceito de transferência e de um resgate de seu sentido. Para isto foram utilizados os textos *A dinâmica da transferência* (1912), *Lembrar, repetir, perlaborar* (1914) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915). O trabalho seguiu com uma breve apresentação da forma como o conceito freudiano é recebido pela da seinsanálise de Medard Boss. Foram utilizados como literatura da da seinsanálise bossiana a versão americana dos textos *Da seinsanalysis and Psychonalysis* (1963) e *Existential Foundations of Medicine and Psychology* (1975). Em um terceiro momento foram apresentadas noções fundamentais do projeto de Da seinsanálise-hermenêutica de Alice Holzhey-Kunz no texto *Da seinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia* (2018) na procura por elementos que nos ajudassem a estruturar nosso conceito. Outros textos de comentadores também serviram como base para introduzir os autores utilizados. Por fim, realizamos um esboço da noção de transferência de acordo com os elementos apresentados nos tópicos anteriores, aproximando-os das disposições afetivas do amor, da confiança e da simpatia, apresentada por Holzhey-Kunz em *Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais* (2021). Podemos concluir através de nosso caminho que a transferência possui um caráter hermenêutico, não correspondendo ao deslocamento de representações intrapsíquicas como em Freud, mas consistindo em uma modalização afetivo-compreensiva que produz familiaridade, gerando a auto-ilusão da possibilidade de deslocar a responsabilidade pelo próprio ser para a figura do analista. Sendo assim, transferência é o sentido impróprio pelo qual a figura do analista se descobre de forma

encoberta na relação analista-analisando. Palavras-Chave: Transferência; Daseinsanálise-Hermenêutica; Daseinsanalyse; Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica; Psicanálise.

Abstract: The present work consisted in elaborating an outline, from the Hermeneutic- Daseinsanalytic perspective, of the notion of *transference*. We started with a return to Freud in the search for the presentation of the concept of transference and a rescue of its meaning. To this end, we used the texts *The dynamics of transference* (1912), *Remembering, repeating, working through* (1914) and *Observations on the love of transference* (1915). The paper followed with a brief presentation of how the Freudian concept is received by Medard Boss's daseinsanalysis. The American version of the texts *Daseinsanalysis and Psychonalysis* (1963) and *Existential foundations of Medicine and Psychology* (1975) were used as literature on Bossian daseinsanalysis. In a third moment, fundamental notions of Alice Holzhey-Kunz's project of Hermeneutic-Daseinsanalysis were presented in the text *Daseinsanalysis: A philosophical-existential look at psychic suffering and its therapy* (2018) in the search for elements that would help us structure our concept. Other commentators' texts also served as a basis to introduce the authors used. Finally, we performed an outline of the notion of transference according to the elements presented in the previous topics, bringing them closer to the affective dispositions of love, trust and sympathy, presented by Holzhey-Kunz in *Emotional truth: the philosophical content of emotional experiences* (2021). We can conclude through our path that transference has a hermeneutic character, not corresponding to the displacement of intrapsychic representations as in Freud, but consisting in an affective-comprehensive modalization that produces familiarity, generating the self-delusion of the possibility of displacing the responsibility for one's own being to the figure of the analyst. Thus, transference is the improper sense by which the figure of the analyst is covered in the analyst-analyte relationship.

Keywords: Transference; Hermeneutic-Daseinsanalysis; Daseinsanalyse; Phenomenological and Hermeneutic Psychology; Psychoanalysis.

1. Introdução - transferência: fenômeno existencial ou conceito teórico-natural?

O conceito de *transferência* (Übertragung) é formulado de forma precoce na história da psicanálise, estando presente durante todo o seu desenvolvimento. Pré-condições de ideias que possibilitam este caminho estão presentes em textos da época de seus *Estudos sobre histeria* (1893-1895) e no *Projeto para uma Psicologia científica* (1895). É no célebre *A interpretação dos sonhos* (1900) com o desenvolvimento das noções de *condensação* e *deslocamento* que Freud se refere a noção de *transferências*, no plural, como processos que permitem a mobilidade do desejo inconsciente de uma cadeia de associações intrapsíquicas para outra, a partir de deformações propiciadas para driblar processos de resistência (Baratto, 2010). Cerca de doze anos depois, o autor produz uma série de escritos técnicos, como em *Sobre a dinâmica da transferência* (1912) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915 [1914]) nos quais se preocupa em sistematizar a técnica psicanalítica, trazendo ao fenômeno uma centralidade ordenadora para o dispositivo clínico psicanalítico. Neste momento, Freud também passa a se referir a *transferência* no singular. O manejo da *transferência* é discutido também nessa época em textos como *Lembrar, repetir, perlaborar* (1914) e em textos mais tardios, após a introdução de sua segunda tópica, como em *Análise finita e infinita* (1937), sendo de extrema importância para a compreensão do conceito no trabalho analítico.

As daseinsanálises de Ludwig Binswanger, Medard Boss e Alice Holzhey-Kunz, apesar de representarem projetos distintos e, em alguns aspectos, conflitantes entre si, se mantêm em grande medida fundadas, com alguma relativização, nos procedimentos descritos por Freud para a condução de seu trabalho clínico. Muitas destas contribuições são tomadas como paradigma clínico da terapia daseinsanalítica, fornecendo, com maior flexibilidade do que em uma doutrina psicanalítica ortodoxa, o enquadre e as atitudes exigidos dos daseinsanalistas. Neste cenário as já conhecidas recomendações da *associação livre* por parte dos pacientes, a *atenção equiflutuante* por parte do analista e a *abstinência* são mantidas como procedimentos fundamentais. Como grande diferencial, as daseinsanálises suíças compreendem, cada uma a seu modo, os fenômenos clínicos descritos pelo pai da psicanálise a partir de referenciais heideggerianos, além de sartrianos (no caso de Holzhey-Kunz) entre outros pensadores da filosofia da existência e da própria fenomenologia (Binswanger), o que traz uma modulação própria para a compreensão dos fenômenos clínicos, que se afastam, em diferentes medidas, dos compromissos epistemológicos assumidos por Freud, na tentativa de alocar a construção de sua teoria e seu núcleo metapsicológico no interior das ciências da natureza. Sendo assim, em que medida a *transferência* estaria relacionada ainda a prática daseinsanalítica?

A *transferência*, pensada a partir da análise dos sonhos e de outros materiais clínicos, acaba sendo inserida no interior de uma economia pulsional que a afere uma origem histórico-orgânica. Ao mesmo tempo em que ela se torna um conceito central da teoria freudiana é inegável que ela se mostra enquanto interpretação de um fenômeno clínico. O fenômeno da transferência, portanto, não se reduz à uma mera conceituação de origem teórica abstrata, mas é antes disso, fruto de uma investigação de um movimento observável na condição humana, e que caracteriza para Freud a forma como se dão as relações humanas, estando presente em modalidades específicas no contexto analítico e educacional. Seria, no entanto, possível resgatar um sentido ontológico para aquilo que o pai da psicanálise descreve e identificá-lo no interior da condição humana em um referencial daseinsanalítico? Haveria alguma valia para o proceder clínico daseinsanalítico na releitura do conceito ou ele apenas nos induziria ao erro?

Como forma de desenvolver nossa investigação e responder tais questões de forma preliminar optamos por resgatar a noção de transferência na relação analítica em um retorno a Freud nos textos *Sobre a dinâmica da transferência* (1912/2021), *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914/2021) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915/2021). Em seguida passamos por uma breve apresentação de sua recepção na daseinsanálise de Medard Boss, nos textos *Daseinsanálise e Psicanálise* (1957/1963) e *Fundamentos existenciais da Medicina e da Psicologia* (1975/1983). Em um terceiro momento situaremos o lugar da transferência na *Daseinsanálise-hermenêutica* de Holzhey-Kunz em sua obra *Daseinsanálise: fundamentos filosófico-existenciais do sofrimento psíquico e sua terapia* (2018). Em um quarto e último momento do desenvolvimento do trabalho buscamos traçar o esboço de uma noção daseinsanalítico-hermenêutica de transferência, nos valendo ainda das noções de *amor*, *confiança* e *simpatia* apresentadas em *Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais* (2021) também da autoria de Holzhey-Kunz. Por fim estabelecemos algumas considerações sobre a necessidade de um resgate mais generoso das origens da clínica daseinsanalítica, através de um retorno mais íntimo com o sentido da clínica freudiana em suas origens. Este gesto é defendido como forma de fazer coro com *o apelo por uma atitude racional na daseinsanálise contemporânea* defendido por Holzhey-Kunz (2016).

2. Por que Freud?

Por que começar o artigo com um tópico que se debruça sobre os textos originais freudianos? A Daseinsanálise brasileira é marcada, inequivocamente, pela forte presença do pensamento de Medard Boss. Este autor, como veremos em um próximo tópico,

se mantém muito próximo tanto dos ensinamentos clínicos freudianos, quanto dos ensinamentos heideggerianos sobre a condição humana. É fundamental certa familiaridade com os textos técnicos freudianos e com o pensamento heideggeriano para uma compreensão suficiente da forma com que Boss lê a psicanálise. Podemos notar, entretanto, que as obras fundamentais, tanto de Medard Boss, quanto de Sigmund Freud, parecem ganhar menos atenção do que textos da filosofia heideggeriana como *Ser e Tempo* (1927), *Seminários de Zollikon* (1987) a conferência *Serenidade* (1955) ou o ensaio sobre a questão da técnica, pela comunidade de psicólogos fenomenológicos existenciais atualmente. Se, por um lado, encontramos elementos e contribuições fundamentais para o desenvolvimento de uma prática daseinsanalítica nestas obras, por outro, o excesso de apego aos textos heideggerianos torna frequente que as apresentações de trabalhos em nossa área mantenham-se em um hermetismo filosófico. Este hermetismo parece atender por vezes mais à um “purismo heideggeriano”, que visa expurgar qualquer espécie de “deslize” epistemológico, do que a um olhar fenomenológico e hermenêutico de nossas práticas clínicas. Neste sentido, a psicanálise é, com frequência, reduzida à Freud, e sintomaticamente desconsiderada em seus desenvolvimentos posteriores e contemporâneos. Mesmo a obra de Freud é apresentada de forma descontextualizada, com recortes tendenciosos, reproduzindo críticas repetitivas e pouco propositivas que parecem tentar reduzir seu trabalho a seus compromissos epistemológicos, fazendo-nos esquecer que suas descobertas continuam fundantes em grande parte da forma como concebemos nossas clínicas. Neste sentido, o resgate de uma lida mais generosa com o sentido das descobertas freudianas parece um caminho mais produtivo do que a já conhecida crítica aos seus pressupostos, dado que consideramos fundamental sua apropriação como forma de historicizar a própria clínica daseinsanalítica.

É possível notar sem muito esforço que, no desenvolvimento da psicanálise, Freud precisou manter-se compromissado com sua teoria, pensada de forma a desenvolver uma teoria explicativa. Isto fez com que o autor precisasse confrontar o desejo de estar certo em suas hipóteses com a dura realidade daquilo que se mostrava em seu consultório. O criador da psicanálise por vezes apresenta uma relação contraditória e conflituosa com seus conceitos e teorias. Paulatinamente suas noções precisam ser reformuladas durante sua obra, o que Freud faz explicitando suas motivações. A busca por manter a psicanálise minimamente no interior das ciências naturais faz com que ele precise constantemente se defender das críticas de opositores à sua noção de sexualidade, de seu método clínico, que se confunde como método de pesquisa, e manter-se firme em relação à forma como conduz seus casos. Tal posicionamento evidentemente traz para o autor a herança de problemas vistos já pela fenomenologia de Edmund

Husserl, ao importar preceitos das ciências naturais na investigação da experiência humana, problemas estes vistos de forma ainda mais radical por Martin Heidegger. Ainda assim é justamente a partir de aprendizados clínicos, publicados e discutidos, que o autor desenvolve seu trabalho. Um exemplo paradigmático deste movimento pode ser encontrado no *Fragmento de uma análise de caso de histeria* (1905), o famoso caso Dora, interrompido, entre outros motivos, por um Freud compromissado em “querer estar certo” em suas hipóteses, que o atrapalha em uma correta interpretação da *transferência*. Mais tarde em *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912) o autor adverte para os riscos de escrever um caso durante a continuidade dos atendimentos, recomendando aos médicos praticantes de psicanálise que não o façam. A psicanálise, de fato, mostra-se um método perigoso, não apenas por ter trazido um método e uma teoria que não dialogavam completamente com as exigências das ciências naturais, mas por colocar o próprio pesquisador em contato com um material extremamente volátil, seja este material proveniente da experiência do paciente, seja ele proveniente do próprio analista.

3. Uma definição da transferência

A transferência passa a ser descrita por Freud a partir de 1912 tanto como motor quanto barreira do processo analítico. De forma sintética, ela consiste em uma *reedição* de um *desejo inconsciente*, referente à uma *imago* do passado (geralmente pai, mãe, irmãos) para a figura do analista. Esta reedição do desejo passa por uma *deformação*, de forma a driblar as *resistências* que atuam como tentativa de proteção de um aparelho psíquico. O movimento de deslocamento do desejo, inerente à dinâmica da *transferência*, acontece tanto em âmbito intrapsíquico, como relacional, buscando satisfazer *necessidades pulsionais* de uma *economia libidinal* que não puderam ser atendidas pela realidade do paciente em sua infância. Essa libido então teria sido *recalcada* por *mecanismos de defesa* e teria sido ligada a *representações internas*. Na situação analítica, este movimento se dá a partir do *deslocamento* destes *desejos inconscientes* para a figura do analista, de forma a sobrepor estas imagens do passado às suas características pessoais. Para Freud (1915), portanto, a análise deve ocorrer não apenas *apesar* de tal fenômeno, mas *através* dele.

Tal situação pode se mostrar embaraçosa na prática, falamos de um fenômeno que se manifesta de forma a gerar uma relação na qual o paciente deposita uma série de afetos e necessidades de sua história infantil na figura do analista. No contexto vienense freudiano, o efeito de tais deslocamentos gerava frequentemente uma espécie de “encantamento”, um enamoramento com o analista. Seria, a partir da investigação

e manejo da forma como a transferência se estabelece entre paciente-analista que o fenômeno ganha uma valia, tanto operativa, quanto interpretativa para o tratamento analítico. A partir de um correto manejo de tal situação o analista pode se valer de uma posição privilegiada de investigação e interpretação dos conflitos inconscientes dos pacientes. Tal método, contudo, certamente não viria sem muitos riscos, uma vez que pretende lidar com necessidades profundas e muito viscerais das quais os pacientes não teriam notícias, dado que se manifestam de forma camuflada (inconsciente). Além do mais, a situação na qual o analista é convidado a estar pelos pacientes também poderia evocar nele mesmo o deslocamento das suas necessidades na figura do mesmo, o que além de prejudicar uma correta leitura do caso poderia levar o próprio analista a se perder em suas necessidades. Tal fenômeno é tratado por Freud (1915) como *contratransferência*, sendo mencionado pela primeira vez em 1909 em carta a C.G. Jung. Freud (1915) chega mesmo a dizer que para os analistas jovens, ainda não estabelecidos em uma relação fixa, poderia ser mais difícil a recusa das ofertas amorosas realizadas pelas pacientes.

Encontramos em *A dinâmica da transferência* (1912) a apresentação de duas formas de transferência: a *positiva* e a *negativa*. Na primeira forma a transferência acontece de forma a deslocar *afetos amistosos e amorosos* para a figura do analista, enquanto a segunda se caracteriza pelo deslocamento de *afetos hostis* em sua figura, sendo pertinente a transferência um grau de *ambivalência* dado que a mesma é a busca por solução de um *conflito*. Portanto, para Freud (1915) é imanente a toda transferência certa porção de *resistência*. Tal constatação exige uma atenta leitura e proceder cauteloso do analista na situação clínica para não inviabilizar o processo, dado que na transferência o desejo inconsciente se dá de forma indireta, protegida do acesso consciente, manifestando-se, por vezes, de forma tempestuosa. Atuar como cúmplice das expectativas infantis, acatando o amor exigido ou rechaçá-las moralmente são atitudes fortemente desaconselhadas por Freud (1915), sob pena de serem atitudes fatais a análise. Para ele “o caminho do analista é outro, é aquele para o qual a vida real não fornece modelo” (Freud, 1915/2021, p.173). Recomenda-se acolhê-las com veracidade em favor do trabalho clínico, como contrapartida a veracidade exigida dos pacientes em livre associação. Para tal é necessário abster-se da correspondência deste amor, tratando-o como *algo irreal* no sentido de que precisa ser reconduzido ao seu sentido inconsciente, dado que a origem deste amor não é a figura do analista. Este amor e sua impossibilidade são tomados como a força motivadora do tratamento analítico. Tal situação propicia uma *desproporção* de base na relação, que juntamente com as recomendações do enquadre psicanalítico, favorecem ao analista uma posição privilegiada de escuta em relação àquilo que o cliente deseja inconscientemente.

4.O manejo da transferência

Como já mencionamos o *manejo da transferência* é um tema de importante valia para Freud, mas no que isto consiste? Em *Lembrar, repetir, perlaborar* (1914) o autor faz uma retomada das mudanças e aprendizados operados na técnica analítica até então. Passando pela sugestão e hipnose com Breuer, retomando a construção da regra da associação livre apresentada na interpretação dos sonhos, Freud finalmente aponta a importância do manejo da transferência neste texto. Ao final do artigo, se acentua a importância de o analista promover a transformação de uma *neurose comum* direcionada a figuras da vida real do paciente, em uma *neurose de transferência* na figura do analista. A premissa é justamente a de que o paciente possa se sentir à vontade para repetir e *act out*, isto é, atuar sintomaticamente de forma infantil na relação analítica, criando a oportunidade de o paciente trazer o conteúdo recalcado para o cenário analítico. Assim, o analista deve poder receber tal transferência de modo a “abri-la como um parque de diversões” (Freud, 1914, p. 160), no qual o paciente com liberdade quase total seria instado a mostrar o que ficou recalcado em sua vida psíquica. A *neurose de transferência* é vista como um estado de *doença artificial* necessário para o tratamento, criada pela transferência analítica, sendo uma espécie de *zona intermediária*, entre *doença* e *vida*, na qual é possível que se dê a transição da primeira para a segunda. Seria partindo destas repetições e do apontamento cauteloso do analista para as *resistências* manifestas durante o tratamento que se torna possível o despertar das lembranças recalcadas. Certamente o caminho de análise não é linear, dado que a *perlaboração*¹ das resistências implica em muita repetição delas, e muita disponibilidade tanto do analista quanto do paciente em atravessá-las. Mas é justamente uma elaboração através delas, pela superação delas, que se chegaria, segundo Freud, às moções pulsionais recalcadas e, portanto, ao sentido e a libertação das psiconeuroses.

5.O amor de transferência é um amor real?

Seria a transferência proveniente da relação transferencial um amor autêntico? Se a *neurose de transferência* propicia uma *doença artificial*, consequentemente poderia

1. Na coleção *obras incompletas de Sigmund Freud*, a tradutora escolhe pelo neologismo *perlaborar* em detrimento do tradicional termo *elaborar*, buscando acentuar que o trabalho psíquico ocorre através da resistência. Na edição inglesa de Daseinsanálise e Psicanálise, o termo é traduzido como *Work through*, significando em tradução literal “trabalho através de”.

se pensar que o *amor de transferência* também é. Curiosamente, para Freud, a resposta contradiz esta lógica, um ano depois de *Lembrar, repetir, perlaborar* Freud se dedica a responder esta questão. O amor na relação analítica é um amor que passou por deformações, mas não foi criado por estas deformações. Freud (1915) ainda acentua que todo enamoramento consiste na repetição de modelos infantis. Em verdade, a diferença do amor transferencial do processo analítico, que exige um tratamento, e o enamoramento dito normal estaria no *grau de liberdade* com que ele acontece, uma vez que o amor da transferência analítica remonta a necessidades de repetições que apontam para seu caráter infantil, de forma pouco maleável, menos capaz de modificação. Neste sentido, para Freud, não temos o direito de negar ao enamoramento que surge no tratamento analítico o caráter de “autêntico”, mas que ele acontece em uma desproporção se comparado ao enamoramento dito “normal”. É verdade ainda que Freud chega a afirmar que não há absolutamente nada de *novo* neste amor. Ainda segundo Freud (1915) três seriam os pontos que caracterizam assim o *amor de transferência*, o que o confere uma posição especial de destaque: (1) ser provocado pela situação analítica; (2) ser potencializado pela resistência que domina a situação e (3) carecer em alto grau pela consideração da realidade.

6. Algumas considerações

Os textos aqui apresentados correspondem ao momento em que Freud realizou seus escritos técnicos e representam uma tentativa de amadurecimento e sistematização da técnica psicanalítica durante a primeira tópica. Para além das conhecidas críticas ao modelo intrapsíquico freudiano e que serão apresentadas no próximo tópico, nos parece importante destacar alguns aspectos importantes já presentes de forma embrionária no pensamento freudiano: (1) o caráter de movimento transformador ao qual os sentidos inconscientes estão submetidos; (2) A necessidade de um trabalho de recondução de uma vivência as suas origens, que se aproxima, de forma intuitiva, do *procedimento compreensivo* proposto por Wilhelm Dilthey², aplicado a um contexto clínico; (3) a consideração de um *padrão afetivo* que se repete como fundante do trabalho interpretativo e que posiciona o analista em um local privilegiado para

2. Filósofo Hermeneuta e Psicólogo, preocupado com o estabelecimento de um método rigoroso próprio às ciências humanas diferencia o método compreensivo em contraposição ao método explicativo próprio das ciências naturais. Para uma apresentação mais elaborada do conceito recomendamos a leitura de tradução brasileira de *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (2011) realizada pela editora Via Verita e a *introdução* do prof. Dr. Marco Antônio Casanova, tradutor da própria edição.

a condução de tal trabalho; (4) o estabelecimento de um *local protegido* para que o paciente possa atuar da forma que for necessário; (5) a percepção de que há um grau de *restrição de liberdade* no fenômeno transferencial (e suas resistências) que estabelecem o solo compreensivo e o caminho para a o tratamento analítico; (6) o *caráter interrelacional íntimo* que condiciona a possibilidade de um trabalho terapêutico; (7) a consideração de que o *analista também está sujeito à repetição de padrões afetivos* junto ao paciente.

É à primeira tópica que Medard Boss (1963) dirige suas críticas à teoria Freudiana (Evangelista, 2013), sendo assim, nos detivemos aqui sobre uma breve investigação sobre os textos que concentram a noção de transferência neste momento. Prosseguiremos agora com uma breve apresentação da noção de transferência na daseinsanálise de Medard Boss.

7.A transferência para Medard Boss

Medard Boss (1903-1990), médico, psiquiatra e psicanalista, nascido em St. Gallen, na Suíça é considerado um refundador da Daseinsanálise. Foi aluno de Ludwig Binswanger, psiquiatra pioneiro na importação do pensamento de Martin Heidegger para a psiquiatria (Dastur; Cabestan, 2015). A recepção de sua obra nas américas gera uma série de dificuldades em seu estudo, a começar pela sua absorção junto à outras práticas fenomenológicas, existenciais e humanistas nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos. Conforme Evangelista (2013) este fato fez com que Boss precisasse escrever prefácios de forma a sempre diferenciar sua prática de outras práticas da psicopatologia fenomenológica, psicologias humanistas e existenciais. Isto o motivou também a ampliar, reescrever partes e ilustrar com casos as edições de seus trabalhos para o inglês, o que ocorre com a segunda edição de sua tese de livre docência, *Sentido e conteúdo das perversões sexuais – Uma introdução daseinsanalítica à psicopatologia do fenômeno do amor* (1947) publicada em 1949 em inglês, na obra *Daseinsanálise e Psicanálise* (1957) republicada no inglês em (1963) e *Fundamentos existenciais da Medicina e da Psicologia* (1971) republicada em 1979 (Evangelista, 2013).

No Brasil, embora tenhamos escritos importantes traduzidos, infelizmente, não contamos com a tradução das principais obras do autor. As obras que encontramos são *Angústia, Culpa e Libertação: ensaios se psicanálise existencial* (1981), *Na noite passada eu sonhei...* (1975), uma série de artigos publicados em diversos volumes na revista da *Daseinsanalyse* idealizada pela Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD) e, por fim, os trabalhos desenvolvidos durante 1959-1969 em parceria com seu mentor e amigo, Martin Heidegger *Seminários de Zollikon* (1987). No presente

ano foi publicada uma edição massivamente ampliada dos Seminários de Zollikon, trazendo mais de 500 páginas de conteúdo inédito para a comunidade acadêmica e daseinsanalítica.

Boss foi cofundador da atual ABD³, antiga ABATED (Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial–Daseinsanalyse) inaugurada em 1974, sendo esta reconhecida como a primeira filial da Associação Internacional de Zurich. Seu trabalho é recebido aqui pelo psiquiatra nascido em Smyrna, na Turquia, de ascendência grega e naturalizado no Brasil, Solon Spanoudis (1922-1981). A partir da tradição desenvolvida pelos daseinsanalistas brasileiros, membros da ABD e ligados à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Daseinsanálise se espalha pelo Brasil. Ela ainda não é uma disciplina amplamente conhecida, como a psicanálise ou as terapias comportamentais, mas está fortemente presente em franca disseminação em polos de estudos acadêmicos de diversas universidades e instituições, das quais a título de exemplo podemos apontar a UERJ, UFF, UFMG, USP, UFRN, o IFEN (Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro), o Instituto Dasein de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica, entre outros grupos que começam a divulgar mais seu trabalho a partir também de redes sociais.

8.A harmonia entre daseinsanálise e psicanálise

A relação da daseinsanálise bossiana com a psicanálise freudiana é marcada por grande proximidade do início ao fim. Logo no início de sua virada daseinsanalítica, quando na época da publicação de sua dissertação para obtenção de livre docência, Boss aponta que a Daseinsanálise é um *desdobramento* da Psicanálise, não uma *dissidência* (Evangelista, 2013). Na medida em que o autor critica problemas epistemológicos da teoria freudiana, também tece elogios à atitude de Freud como terapeuta, e até mesmo admite a pertinência de sua alusão ao inconsciente, fazendo ressalvas a forma psicologizante com que Freud desenvolveu o conceito. Em *Daseinsanálise e Psicanálise* (1963) na segunda parte da obra (uma reavaliação daseinsanalítica da teoria e da técnica psicanalíticas⁴) dois capítulos preparatórios são dedicados ao trabalho de Freud: o primeiro intitulado “*a harmonia intrínseca entre a terapia psicanalítica e a daseinsanálise*”⁵ e o segundo “*re-avaliação daseinsanalítica dos conceitos básicos da teoria*

3. Fonte: <http://www.daseinsanalyse.org.br/biografia-detail.html>. Acesso em: 09 ago. 2021.

4. Tradução nossa da obra em inglês.

5. Idem.

*psicanalítica*⁶". Os títulos deixam clara a postura a qual nos referimos. Boss segue reforçando a postura de manutenção das recomendações freudianas no espaço clínico, e, portanto, do método clínico psicanalítico, ao passo em que os conceitos básicos da teoria freudiana carecem de uma revisão. Em uma declaração paradigmática afirma: "Os insights da análise do dasein vão restaurar o sentido original e conteúdo das atuais, imediatas, concretas e mais brilhantes observações freudianas, as quais seus conceitos teóricos pontuam de uma posição relativamente distante e abstrata⁷." (Boss, 1963, p.59). Em essência, Boss advoga *por um retorno daseinsanalítico ao sentido da clínica freudiana*, visto que as críticas empregadas a psicanálise teriam ainda um teor *positivo* de forma a não consistirem, de modo algum, em um detrimento da psicanálise (Boss, 1963).

É importante lembrar que falamos de um autor que foi analisando de Freud, reconhecendo que aquele que criou a psicanálise, sem perceber, teria acessado secretamente pressupostos ontológicos da condição humana descrita por Heidegger (Boss, 1963). Quando no Brasil, afirmou, em português, que seu analista como clínico não era *psicanalista*, mas, no fundo *daseinsanalista* (Boss, 1974). Em seguida, na mesma ocasião, Boss ainda afirma que, tanto Freud, quanto os médicos do movimento da antipsiquiatria (também daseinsanalistas de certa forma para ele) continuam subjetivistas, permanecendo em um âmbito cartesiano e não dão o devido salto ao abrir-se à condição existencial, mostrando que esta seria uma grande novidade da daseinsanálise.

9. Críticas à noção de transferência

Qual seria a postura de Boss em relação à noção de transferência? A resposta sintética vai na seguinte direção: Boss compreende, a partir da analítica existencial de Heidegger, que o fenômeno visto por Freud e denominado como transferência, é, na verdade, a relação analista-analisando, e que sua interpretação *equivocada* como transferência pode *atrapalhar* o manejo e interpretações clínicas. Consequentemente, o *manejo da transferência* também é compreendido de forma *diversa* da que o autor alega ser a postura freudiana em seus textos. Boss (1963) alega que, como terapeuta, Freud sabia de contradições entre seus escritos e sua clínica, mas "seduzido por suas assunções teóricas" (p.241) não às mencionava explicitamente em suas recomendações práticas ao manejo da transferência.

Boss (1963) se preocupa muito com o fato de o conceito de transferência ter sido formulado de uma maneira cartesiana, apontando severas críticas tanto a ideia

6. Idem.

7. Idem

de libido e afetos como substâncias encerradas em si-mesmas, disponíveis para serem deslocadas de um lugar para o outro no interior de um aparato psíquico. Afirmar ainda que Freud nunca conseguiu provar uma efetiva diferença entre o *amor de transferência* e o amor dito normal que se desenvolve fora de uma relação analítica, apontando que em *observações sobre o amor de transferência*, Freud se contradiz, quando precisa admitir que não temos o direito de afirmar que este amor seja menos autêntico.

Mesmo com estas críticas, Boss (1974) não deixa de reconhecer a transferência como “*locus*” do trabalho terapêutico, mas busca reinterpretá-la como sinônimo de relação-humana, possibilitada pelo encontro na co-existência com os outros conforme explicitado por Heidegger em *Ser e Tempo* (1927). Para o autor ela chega a ser um termo que pode nos induzir em erro, pois reforçaria a separação entre sujeitos encerrados em si-mesmos que “transferem” representações mentais uns nas figuras dos outros.

As *resistências*, que como vimos em Freud, são inerentes tanto à transferência quanto ao trabalho analítico, também não são compreendidas a partir de uma leitura teórico-metapsicológica por Boss, mas sim, como formas de distanciar o ser-aí de suas possibilidades mais próprias de ser. Elas de fato carregam a história de vida dos pacientes, mas não são frutos de mecanismos de defesa. Como nos lembra Evangelista (2013) no lugar de defesas do aparelho psíquico, Boss (1963) advoga, ao final do tópico sobre *resistência*, 4 motivos para que a mesma aconteça: (1) - Tudo aquilo que é desconhecido é estranho é por isto mesmo incômodo; (2) - Assumir a responsabilidade por deixar ser os entes que clamam é vivido em um primeiro momento como perda da proteção fornecida pela dependência. (3) – O *Dasein* teme sucumbir daquilo que se protege, pois aquilo de que se protege parece ter muito mais poder do que ele; (4) Por estar encapsulado no pensamento dos outros o *Dasein* teme se sentir culpado ao admitir reinos de seres que podem ser considerados pecaminosos ou sujos pelos outros.

Boss também compreende de forma problemática o modo como Freud (1915) teria compreendido o manejo do *acting out*. Segundo sua crítica, ao compreender o *acting out* como uma forma crua de manifestação do sintoma a partir da resistência, e portanto, da repetição de um padrão de comportamento infantil que pede por uma rememoração, há o perigo de desconsiderar as novas potencialidades daquilo que se mostra de novo nesta atuação. O Daseinsanalista deveria compreendê-lo como uma forma de ser que deve ser acolhida como as possibilidades possíveis naquele momento. A tarefa do daseinsanalista consiste em acolher o paciente nas possibilidades que lhe são abertas, na tentativa de resgatar este potencial negligenciado e não o negar.

10. Considerações sobre a leitura de Boss

O sentido da clínica bossiana preserva muito do espírito clínico freudiano. Pode ser visto como uma tentativa de radicalizar o sentido das descobertas clínicas de Freud, alocando-as no solo compreensivo da analítica existencial heideggeriana. O acento do trabalho analítico ganha assim uma preponderância para direcionalidade ao futuro, imanente a condição existencial, em contraposição à um excesso de investigação do passado que ganha uma roupagem causalista na teoria freudiana. O aspecto interrelacional, constitutivo da relação transferencial para Freud é mais valorizado. Pensado à luz da nova relação analista-analisando, Boss propõe a radicalização da investigação para uma consideração daquilo que imediatamente se mostra, atitude característica do método fenomenológico, tal como proposto por Husserl.

De fato, é difícil dizer que a daseinsanálise bossiana é uma dissidência total da psicanálise, mas se mostra de fato mais como um desdobramento do campo psicanalítico que, em termos práticos, ajuda tanto a relativizar uma leitura ortodoxa da psicanálise, como a ampliar sua potência clínica, por conduzi-la à aspectos ontológicos mais profundos que Freud não pode ver com maior clareza. Vale ainda dizer que outros autores importantes da psicanálise como Sándor Ferenczi, Jacques Lacan, Melanie Klein e Donald W. Winnicott já haviam proposto outras formas de clínica psicanalítica, além de suas próprias releituras do fenômeno da transferência. A psicanálise havia assim já passado por transformações massivas, tanto em termos de alcances clínicos, como epistemológicos e permanecem sem uma devida aproximação por parte da daseinsanálise de Boss.

Por fim, o aspecto hermenêutico, que carecia de um maior desenvolvimento em Freud, ganha novos elementos para seu desenvolvimento com a aproximação da prática psicanalítica da analítica existencial heideggeriana por Boss. Este elemento virá a conquistar um amadurecimento ainda mais amplo na obra de Holzhey-Kunz (2018).

11. Elementos para uma noção de transferência em Alice Holzhey-Kunz

Alice Holzhey-Kunz, nascida em 1943, formada em História e Filosofia em Zurique, fora assistente de Medard Boss no Instituto Daseinsanalítico para Psicoterapia e Psicossomática, onde se forma em 1976. Rompe com o Instituto em 1983 por divergências, juntando-se à Sociedade para Antropologia Hermenêutica e Daseinsanalyse a qual preside atualmente, coordenando os “Seminários Daseinsanalíticos

de Zurique” (Evangelista, 2019). Sua obra começou a ser mais divulgada no Brasil a partir da tradução em 2018 do trabalho *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*, ocasião em que esteve presente no país para participar do I Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológica e Hermenêutica, organizado pelo Instituto Dasein. Em 2021 chegou até nós a tradução também da obra *Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais*.

A chegada de suas obras em português retoma o que, curiosamente, parecia esquecido para praticantes e estudiosos da daseinsanálise no Brasil: o fato de a daseinsanálise na suíça permanecer ligada à psicanálise. Holzhey-Kunz se apresenta como psicanalista, reificando a postura de Boss de que a daseinsanálise é um *desdobramento* da psicanálise, não uma dissidência. Neste sentido, ela afirma que a daseinsanálise é um campo autônomo no *interior* da psicanálise (Holzhey-Kunz, 2018), ou ainda que ela precisa ser vista, tal como apontava Binswanger, como uma *Psicanálise de pontos de vista Daseinsanalíticos*. Estas peculiaridades são dignas de nota, primeiro porque esta é efetivamente a primeira proposta sistemática de Daseinsanálise a que temos acesso, integralmente, em português. Segundo, e não menos importante, o debate entre daseinsanálise e psicanálise é reacendido no Brasil, uma vez que a autora resgata um contraponto, já que a recepção da daseinsanálise no país, além de pouco estudada, nos aponta para um caminho de *dissidência* em relação a psicanálise.

Buscando ser mais radical que Boss, a quem a autora acusa de permanecer em uma lida mais próxima da fenomenologia das essências do que propriamente fenomenológico-hermenêutica em sua práxis clínica, Holzhey-Kunz (2018) delineia seu programa partindo da pretensão de estabelecer as bases de uma *daseinsanálise-hermenêutica*, que possa reabilitar a interpretação como procedimento clínico-diagnóstico. Neste projeto, a noção de transferência é citada e reconhecida como inerente ao processo terapêutico, mas pouco formalizada em seu programa. Não obstante, sua resignificação de diversos conceitos da psicanálise nos traz elementos para que possamos traçar um esboço de tal noção. A seguir nos dedicaremos a apresentar alguns pontos fundamentais de seu trabalho sem os quais não seria possível desenvolver uma compreensão satisfatória da transferência, são elas a noção de *desejo*, de *inconsciente*, das *confusões* nos *acting out*, e a diferenciação entre *ser-com-os-outros* e *ser-para-os-outros* vista por Sartre.

12. Podemos considerar o desejo um existencial?

Para Boss e Binswanger os desejos só desempenham um papel pequeno, em contraposição à psicanálise freudiana que se funda em uma leitura da relação conflituosa

do homem com os seus desejos. Para estes daseinsanalistas o desejo representaria uma das muitas possibilidades de comportamento. Holzhey-Kunz (2018) se distancia de tal compreensão, afirmando que, mesmo o desejo tendo sido alocado de forma secundária como “mero desejo” em *Ser e Tempo*, é possível mostrar que há um significado central para ele na obra de Heidegger. Tal significado reside na interpretação do *desejo* como o *desejo de se redimir da angústia*, pertencente à condição humana. Neste sentido há uma diferenciação entre os meros desejos ônticos e o *desejo*, ontológico. Para ela é no movimento da *decadência* que tal desejo se manifesta no pensamento de heideggeriano. A fuga diante da angústia é impelida pelo desejo de se redimir de sua intranquila condição, o que atribui a relação humana com o próprio ser a *forma ilusória do desejar*. Tal forma é ilusória pois visa a transformação do inalterável em nossa condição (Holzhey-Kunz, 2018, p.119).

Desta forma, o *desejo* encontra uma redenção na daseinsanálise holzhey-kunziana, sendo assumido em seu conteúdo ontológico, reencontrando a centralidade que tinha para a psicanálise, com a diferença de que a estrutura do desejar só pode ser pensada por um impulso decorrente da fuga daquilo que é ontológico, e não como movimento orgânico-pulsional de origem biológica que se desloca e se condensa em representações intrapsíquicas. Este fato inverteria a relação proposta por Freud com a liberdade psíquica. Se para o autor a liberdade psíquica está sempre ancorada à uma matriz orgânica, na daseinsanálise holzhey-kunziana, influenciada por Sartre, somos *condenados* à liberdade. Neste sentido o *conflito* com o *desejo* se dá pela escolha entre *fugir da angústia em direção ao desejo*, ou *exigir para si a verdade angustiante sobre o próprio ser*, o que raramente acontece (Holzhey-Kunz, 2018, p.122).

13. Uma interpretação existencial do inconsciente.

Se o desejo na psicanálise é sempre um desejo de origem inconsciente, o desejo ontológico continuaria a ter um caráter inconsciente. Mas como conceber existencialmente esta noção? Na busca por tal concepção a autora recorre tanto a Heidegger quanto à Sartre se nutrindo de uma inclinação própria para o auto-encobrimento defendida por estes autores. Holzhey-Kunz (2018) advoga por uma aproximação existencial explícita da noção de inconsciente, pois para ela, seria inevitável tal entendimento se desejamos reabilitar um acesso hermenêutico ao sentido dos sintomas, restrições e sonhos de nossos pacientes. Tal acesso não teria sido desenvolvido suficientemente por Binswanger e Boss, na medida em que os autores buscaram se manter compromissados com o método fenomenológico da redução, atendo-se exclusivamente aquilo que imediatamente se mostra. Mesmo assim, ela acentua que

ambos não simplesmente rejeitaram a hipótese de Freud, mas a compreendem de maneira diversa. Binswanger compreenderia que a peculiaridade individual de cada homem seria cunhada primeiramente pelo *projeto de mundo* subjacente a vida psíquica como um todo, inclusive as emoções inconscientes, sendo o projeto de mundo portanto mais radicalmente “profundo” do que a noção de inconsciente (Holzhey-Kunz, 2018, p.135). Boss, como já mencionamos anteriormente, teria admitido que Freud intuitivamente teve um vaga ideia de um “velamento em si”, mas interpreta de forma equivocada o fenômeno como âmbito parcial da psique. Como então compreender de forma suficiente tal noção?

Na busca de aproximar as noções dos filósofos de uma noção de inconsciente, Holzhey-Kunz (2018) nos lembra que Freud descobre que o inconsciente era antes de tudo uma *qualidade* dos desejos, fantasias e atos de suas pacientes histéricas. O autor teria se perdido em hipostasias a partir do momento em que buscou explicá-las como frutos de um âmbito parcial da alma: o inconsciente. De todo modo, o seu ponto de partida teria sido a percepção de que não é possível ao sujeito se conhecer completamente, de modo que aquele que acredita que se conhece totalmente estaria preso em autoilusão (Holzhey-Kunz, 2018, p.137). Ressalta ainda que a autoilusão não consiste em um mero não saber, mas em *não saber que não se sabe*. Desta forma *o inconsciente consiste num duplo não saber*.

Mas como esta autoilusão acontece? Como eu poderia me iludir de algo que nem tenho notícias de que não sei? Tal colocação traria um caráter enigmático, que pode se resumir na colocação: como posso ser *ao mesmo tempo autor e vítima da autoilusão*? Holzhey-Kunz salienta que Freud recorre, de forma problemática, à um âmbito psíquico inacessível (hipotético) que produz uma cena na qual um eu (consciente) é enganado por um suposto outro eu (inconsciente). É a partir da noção de *má-fé*, proposta por Sartre em *o Ser e o Nada* que a autora encontra elementos para superar esta aporia.

Segundo ela, Sartre repudia a coisificação do inconsciente freudiano, mas não seu sentido. Diferenciando a *má-fé* da *mentira*, o pensador francês aponta que a *mauvaise foi* (má-fé) é um modo de ser que se vale da ambivalência e ambiguidade das orientações mundanas de forma a produzir uma autoilusão que desonera o homem de sua condição de ter que escolher. A autoilusão produzida na má-fé é um modo de “enganar” a liberdade, de forma a escondê-la por traz das contingências do mundo, como forma de produzir uma coisificação ilusória de minha condição. O sentido da má-fé pode ser acessado através da interpretação sartriana da *essentia* humana descrita por Heidegger no §9 de *Ser e Tempo*. Para Sartre em *o Ser e o Nada* (1943), a *existência precede a essência*. A Má-fé seria a manutenção de um modo de ser fundado

na precedência da essência sob a existência. Torna-se cômodo deixar-se enganar como forma de continuar acreditando em algo que autenticamente não acredito, mas que me traz confiança. Dito e outro modo, a *ma-fé* consiste em um estilo de vida, um padrão modal de ser-no-mundo. Conquista-se assim para autora uma compreensão existencial do inconsciente, na medida em que Sartre consegue descrever uma forma de autoilusão que não se sustenta na coisificação de uma psique. O inconsciente seria um modo determinado de se relacionar com si mesmo, distanciando-se de si mesmo, e não uma instância intrapsíquica.

O aspecto *inconsciente* da existência se sustenta assim neste entrelace entre iludir-se e deixar-se iludir. A autoilusão teria também um duplo caráter, a saber, ôntico-ontológico. Holzhey-Kunz se faz valer da leitura freudiana do *Complexo de Édipo* como forma de ilustrar uma modalidade de autoilusão ôntica, e do encobrindo da angústia em Heidegger para a autoilusão ontológica. A daseinsanalista ressalta que a situação edipiana lança mãos da autoilusão como forma de encobrir o conflito por uma figura amorosa (mãe), marcada pela (suposta) ameaça de castração. Reprimir o desejo seria uma forma de não abdicar dele, produzindo a autoilusão de ter realizado a renúncia exigida, fazendo com que si mesmo e os outros acreditem que se teria abdicado de tal desejo, agora de caráter inconsciente. Já Heidegger não utiliza o termo inconsciente ou repressão, mas se refere ao esquecimento do próprio ser como forma de obnubilar o conhecimento não tematizado do próprio ser. De fato, para o autor tal esquecimento não se dá a partir de um único ato, mas é feito a cada vez, de maneira constante, de forma a manter o existente esquecido de sua intranquila condição.

Em síntese, o cerne do inconsciente na daseinsanálise de Holzhey-Kunz é a angústia ontológica, mais fundamental que a angústia de castração freudiana (ôntica) que viria de um elemento externo, pois imanente ao próprio ser-aí (Holzhey-Kunz, 2018, p. 142). Ele é concebido como uma forma de autoilusão no sentido da *má-fé* sartriana, servindo como forma de proteção com confrontação com o fato de ter-de-ser. Ela (a autoilusão) *tem a estrutura do desejar*, propiciando a ilusão da possibilidade de realização de desejos irrealizáveis.

14. Confusões (transferenciais) no sofrimento com o próprio ser.

As confusões produzidas na situação de transferência via *acting out* seriam consequência direta do modo de existir pautado na autoilusão. Como vimos para Freud (1912) o analisando desconhece o analista na medida em que vê figuras do passado no analista. Ele se comporta da mesma maneira que com o pai do passado no presente,

junto ao analista. O paciente, portanto, “regride” ao modo de ser de outrora tendo em vista o ressurgimento do pai na figura do analista. Esse agir para Freud se baseia numa confusão entre passado e presente. Tal confusão se daria pela convicção de que o comportamento autoritário do analista ofereceria a razão para irritar-se (Holzhey-Kunz, 2018, p. 177). A autora acentua então que não pode *ocorrer* efetivamente uma mudança no passado, já que não se pode *fato atuar* sobre o passado, mas se pode no máximo *visar* tal influência. É possível *visar* outro fim mais aceitável para a situação edipiana de outrora. Em uma leitura daseinsanalítica, contudo, o que está em questão não seria negar apenas um acontecimento traumático, mas antes também seus *aspectos ontológicos*. Mas quais os aspectos ontológicos estariam em jogo? A *irreversibilidade da temporalidade* e o conteúdo existencial implícito na triangulação edípica, a saber, a impossibilidade de redenção da indigência *de precisar existir como um singular dependente dos outros*. Holzhey-Kunz acentua três motivos para tal efeito de confusão na autoilusão: (1) sempre para o saudável entendimento humano (adquirido via impessoal) o presente é repleto de relíquias do passado; (2) Todo comportamento ôntico contém também inclusões pré-ontológicas; (3) o neurótico possui uma escuta exageradamente aguçada para aspectos ontológicos, o que garante uma desproporção em relação a uma ocorrência “normal”, pois o que é ouvido de forma virulenta é o sentido ontológico.

Por fim a autora se questiona acerca da tese de o neurótico agir ao invés de se lembrar ser convincente? Respondendo com *um cauteloso sim*, dado que a atuação pode ser uma forma de autoilusão. Poderíamos dizer de forma preliminar a partir do que vimos até agora quanto ao conceito de inconsciente que tal confusão, de aspecto transferencial, seria uma consequência da autoilusão.

15. Ser-um-com-o-outro como tarefa.

O fato de *ser-com-os-outros* ser um condicionante da existência em Ser e Tempo é sem dúvida um elemento fundamental para que possamos pensar tanto a relação analítica, quanto seu aspecto transferencial. Temos na obra elementos que nos possibilitam pensar as consequências existenciais de *ser-com-os-outros*. Holzhey-Kunz (2018) considera, contudo, que falta um desdobramento expresso da temática da alteridade do outro na obra de Heidegger e recorre a tematização sartriana de *ser-para-os-outros* como forma de aprofundar a temática.

A principal explicitação que norteia o interesse da autora é o caráter de *exposição ao outro* que a condição de *ser-para-os-outros* deixa evidente de forma mais acentuada. O outro, enquanto liberdade, aparece, independente das minhas pretensões de

controle. Isso significa admitir que se reserva a alteridade certo poder sobre minha existência. O poder do olhar que pode me desnudar e me objetificar. Não apenas isso, mas o outro consegue perceber coisas sobre mim que eu mesmo não posso perceber, pois o outro me vê de uma outra posição o que o afere um conhecimento sobre mim que me é inacessível.

Este poder que o outro tem sobre nós, conduz para um sentido conflituoso fundamental na relação com os outros. Enquanto entes livres, todos sofremos com nosso próprio ser, todos também dependemos do outro para poder lidar com nossa liberdade. Se por um lado o outro pode me angustiar, ele pode também me tranquilizar. Ele pode reduzir o peso de responsabilidade por minha vida, ou compartilhar este peso comigo. Há uma contradição imanente à ligação com o outro, pois na mesma medida em que quero fugir de sua liberdade, quero fugir em sua direção, pois ela pode me desonerar de minha liberdade. Podemos depreender disto que há um potencial ambivalente constitutivo na relação com os outros.

Novamente podemos apreender de forma preliminar que, se o sentido de ser para os outros é o conflito, a transferência tem um papel fundamental, pois é compreendida não como atualização de desejos libidinais, mas como atualização do desejo de desoneração da própria angústia.

16. Transferência?

É na quarta e última parte de seu programa (consequências terapêuticas) que encontramos um capítulo dedicado a pensar a *relação analítica* e aquilo que a autora nomeou de *experiências filosóficas*. Para Holzhey-Kunz (2018), experiências filosóficas são experiências nas quais a verdade ontológica pode ser tolerada, sem a necessidade de *manobras ônticas* de nosso mundo para acobertar a *conditio humana*. É nesta parte da obra que ela retoma tanto as recomendações freudianas da *abstinência*, quanto a possibilidade da postura de *reciprocidade* que viriam a ser colocadas pela chamada *virada interrelacional* na psicanálise apresentada anteriormente em seu trabalho, apontando Binswanger e Boss como precursores de tal movimento. Ali também é retomada a descoberta e diferenciação da noção entre *ser-para-outros* e *ser-com-os-outros*.

Ao final do capítulo há um subtópico muito pequeno tratando da dimensão *transfereencial histórica* na *relação analítica*, no qual a autora defende a necessidade de uma escuta que leve em consideração justamente o *sofrimento com reminiscências* que o paciente transfere de forma inconsciente na figura do analista, apontando para o fato de que o daseinsanalista precisa saber que as experiências ontológicas e a perspectiva ôntica (histórica) só podem ser cindidas de forma abstrata. Sendo assim, o dasein-

sanalista precisa estar desperto para o fato de que a escuta particularmente aguçada de um paciente remonta tanto a experiências da infância, como a própria infância se mostra como um tempo eminente, no qual a criança está adquirindo formas de proteção à irrupção de experiências ontológicas. Desta forma a autora dá a entender que a criança tem a escuta mais aguçada para a verdade ontológica do que os adultos.

Holzhey-Kunz, não se detém em um desenvolvimento desta noção de transferência, deixando em aberto a necessidade e possibilidade de desenvolvê-la de forma mais detalhada.

17. Por um esboço de uma noção daseinsanalítica de transferência

Afinal, deveríamos suspender o uso do termo *transferência* e substituí-lo pela noção mais ampla de relação analista-analisando, como propõe Boss? Como o próprio tópico deixa evidente, nos posicionamos a favor da manutenção do termo. Se buscamos ser coerentes com a alocação da daseinsanálise no interior da psicanálise como faz Holzhey-Kunz, esta posição parece sensata, dado que a transferência é um pilar da prática clínica psicanalítica, mesmo tendo passado por transformações significativas, o que altera tanto a compreensão de seu manejo clínico quanto as epistemologias que sustentam a leitura do fenômeno. Além disso, nos parece pouco preciso substituir o termo transferência pela noção de analista-analisando como sugere Boss, dado que a transferência nos parece mais um *aspecto* da relação analista-analisando do que ela como um todo. Portanto, tal escolha não é feita por mera motivação nominalista, mas pela necessidade de um termo que nos traga familiaridade com um aspecto específico das relações humanas. Certamente não podemos nos manter alheios à necessidade de sistematização e ordenação do conhecimento proveniente de nossas clínicas, sob pena de permanecermos por demais dependentes de forma literal da conceituação ontológica presente na analítica existencial Heideggeriana ou de nossas experiências clínicas singulares. Quanto a isso, em Ser e Tempo não existe nenhuma articulação ou preocupação do autor com a investigação dos fenômenos de nenhuma prática clínica psicológica. Isto não significa, contudo, que a antropologia filosófica descrita pelo autor em seu tratado não nos sirva como bases compreensivas importantes (embora não inquestionáveis) para a efetivação desta ordenação de conhecimento. Deste modo precisamos, tal como Boss e Holzhey-Kunz buscaram, nos aproximar do sentido do fenômeno clínico nomeado como transferência a partir de pressupostos que de fato correspondam mais com o existir humano. Para isso devemos encarar a conceituação da teoria freudiana como metáforas, que abrem possibilidades de sentido, e não

como algo que efetivamente possa representar a realidade de modo científico-natural. Buscaremos defender neste último tópico que o fenômeno da transferência tem valia para o proceder clínico do daseinsanalista.

A *transferência*, pode ser compreendida, em termos fenomenológicos e hermenêuticos, como um modo de *desencobrimento afetivo-biográfico* que modula o encontro analista-analisando. O desencobrimento da alteridade do analista se dá de uma maneira específica, em geral, encoberta por elementos encurtados da biografia do analisando. Freud (1912) aponta para o caráter idiossincrático da forma como cada pessoa lida com suas necessidades amorosas, de acordo com as formas como estas foram ou não atendidas na infância, em sua história. A transferência não pode ser compreendida como deslocamento de afetos simplesmente dados em uma psiquê, mas como uma forma de *clichê histórico*, que se repete no desvelamento de outras figuras com a qual o analisando se encontra. A repetição se dá pois o mundo sempre já é compreendido, de início e na maioria das vezes, de maneira decaída, sustentada em uma série de autoilusões. Mas tal decaimento, ainda que impessoal, diz respeito ao modo como cada um de nós conquistou formas de lida com a *conditio humana*. Sendo assim, carregamos nossa história a cada vez na forma como nos relacionamos com os outros, de forma decaída.

A transferência tem, deste modo, um caráter necessariamente protetivo. Isto não significa pensá-la como um mecanismo intrapsíquico, e sim como um padrão histórico de *modalização afetivo-compreensiva* da abertura. Os outros se abrem para nós sempre a partir de uma história na qual já nos compreendemos. Compreender significa necessariamente compreender-afetivamente algo e tal compreensão se manifesta como linguagem de diversas formas. Seja a *a partir da fala*, a partir dos *acting outs*, dos *atos falhos*, dos *sonhos*, da *forma como nos movimentamos*, da forma como nos relacionamos com nossa *corporeidade* e nos *encontramos dispostos* no espaço. A *história* que *não é simplesmente dada* de cada um de nós, mas que *somos* cada um de nós, se faz presente quando somos juntos aos outros. Neste sentido, a transferência, sagazmente observada por Freud como *mobilidade*, para a leitura daseinsanalítico-hermenêutica que defendemos, é imanente ao *movimento da existência*, e não consequência de uma dinâmica pulsional energética, ligada a representações intrapsíquicas que visam satisfazer necessidades orgânicas. Ainda, a transferência não é neste sentido a causa de sintomas (restrições), mas modulam as condições de abertura na qual uma restrição se dá, de modo a encurtar o *nexo histórico* que a origina. Podemos ainda dizer que a transferência, como modalização *autoilusória* da relação com o outro, mantém a estrutura do *desejar*. No caso, a conflitiva do desejo que busca ser transferida é a *responsabilidade pelo próprio ser*.

Boss está certo em afirmar que não devemos nos esquecer do caráter de abertura e a direcionalidade para o futuro imanente à condição humana descrita por Heidegger (1927). Tampouco devemos desconsiderar o caráter performático daquilo que imediatamente se mostra na relação terapêutica. Ao mesmo tempo, Holzhey-Kunz deixa em evidência que não podemos deixar de considerar que, em toda compreensão humana, há sempre a *inclusão de heranças afetivo-biográficas*. Neste sentido, toda abertura de sentido se dá *a partir* destas heranças para as situações atuais como forma de desencobrimento. A diferença aqui reside no fato de que a transferência não pode ser compreendida como nexos causal, mas como uma *modalização familiarizadora* da abertura existencial. A seguir, discutiremos de forma preliminar 4 aspectos específicos da *modalização transferencial* que nos parecem fundamentais.

18. Transferência, resistência e inclusão pré-ontológica

Holzhey-Kunz (2018) resgata a noção heideggeriana de *inclusão pré-ontológica* para pensá-la como um conceito central em seu programa. Ele se refere aquele saber que está incluso sempre e *não explicitado teórico-tematicamente* em nossas vivências ônticas concretas acerca da intranquila condição humana. Toda familiaridade pressupõe a estranheza, portanto, não seria possível pensar a transferência sem uma estranheza correlata que ela busca encobrir. À inclusão deste saber sobre a própria condição, que a existência em geral se coloca em fuga, podemos aferir aquele aspecto do *novo amor* mencionado por Boss (1957/1963) em todas as relações. As *resistências* teriam aqui lugar de destaque pois seriam interpretadas como forma de *encobrimento* das inclusões pré-ontológicas.

A transferência, enquanto *modalização familiarizadora do encontro analista-analisando*, nos é útil como um operador clínico, tanto para a manutenção de uma boa relação terapêutica, como para ter indicadores de *caminhos temáticos de investigação do sentido*. A própria *forma* como a *queixa* é formulada ao analista, nos começa a dar indícios de quais regiões do mundo de cada cliente se aproximam e que devemos nos inclinar para pesquisar, investigar, desencurtar. Um exemplo singelo pode nos ajudar a exemplificar isto: uma pessoa que procura a terapia com o pedido de que quer parar de fumar. Para quais ocorrências o existir desta pessoa está particularmente aguçado? Certamente há uma preocupação tácita com a própria corporeidade nesta procura, mas não está clara qual motivação para uma mudança no cuidado com o corpo despertou e sustentou a procura pela ajuda. Para além de um conhecimento técnico, o que um analista teria a oferecer ao analisando que procura ajuda para parar de fumar? A carnalidade do próprio corpo ainda me revela como passível de observação

pelo outro. A relação com o fumar é marcada por *temor, vergonha ou culpa*? Muitas seriam as possibilidades de caminhos históricos a serem desencurtados nesta queixa de forma a compreender quais as restrições envolvidas na dificuldade de parar de fumar e quais as ameaças ao existir estão mais propensas a aparecer na transferência via relação analista analisando.

19. Transferência e amor

Vimos diversas das ressalvas feitas por Boss ao conceito de transferência. Estas se dirigem para o fato do termo, compreendido por Freud (1912) como a atualização de fantasias inconscientes infantis na figura do analista, deixariam de fora e estariam de alguma forma subestimando o *novo amor*, em germe, presente na genuinidade de uma nova relação. É preciso ressaltar que o sentido destas ressalvas já estavam presentes em Binswanger, como podemos ver em uma conferência sobre psicoterapia proferida para jovens de médicos em (1934), antes mesmo deste estabelecer sua fenomenologia *do amor e da amizade*, na obra *Grundformen* de 1942⁸. Também precisamos ressaltar que para o autor eternidade do amor na comunidade assumia o protagonismo ontológico da condição humana enquanto abrigo, em detrimento da angústia e do desabrigo heideggerianos, sendo a redenção frente à angústia vista como uma tarefa possível (Hozlhey-Kunz, 2021; Holzhey-Kunz 2018; Loparic, 2002).

Mas como podemos compreender o *amor* em uma leitura daseinsanalítico-hermenêutica sem incorrermos nas mesmas confusões realizadas por Binswanger? Qual seria sua relação com a noção de transferência que começamos a delinear? Em sua última obra Holzhey-Kunz (2021) empreende uma investigação sobre a verdade emocional presente em diversas tonalidades afetivas, dentre elas o amor. Partindo do pressuposto de que as tonalidades do amor e da confiança têm um caráter protetivo em relação a verdade emocional que se anuncia na *angústia*, na *culpa* e na *vergonha* a autora se distancia de Heidegger ao compreender que tal proteção é *produzida primariamente*⁹ por emoções como amor e confiança (Holzhey-Kunz, 2021, p.159). Neste sentido a própria compreensão precisa antes sustentar-se em uma *confiança* na *compreensão* para conquistar seu caráter protetivo, o que implicitamente traz um *primado* das *disposições*

8. *Grundformen und erkenntnis menschlichen daseins* (1942), comumente traduzido como *Formas fundamentais e conhecimento do ser-aí humano* é a obra mais importante de Binswanger e surge na década em que o autor propõe o uso do termo *Daseinsanalyse* na psiquiatria. Até o presente momento não contamos com uma tradução para o português deste trabalho fundamental.

9. Grifo nosso.

afetivas sobre a *compreensão*. Como sabemos, Binswanger almejava ampliar o alcance da ontologia fundamental heideggeriana, alocando o amor como um existencial, no qual a angústia poderia ser superada. Nesta concepção Binswangeriana o homem é visto a partir de uma perfeição ontológica que traria uma superação total à finitude, posição epistemológica negada por Holzhey-Kunz. É em Sartre que a autora encontra uma leitura hermenêutica para a compreensão do amor.

É importante lembrar que o amor está intimamente ligado à condição de *ser-para-os-outros*. Segundo Holzhey-Kunz, para Sartre, amar significa querer ser amado. Dizer a alguém que o ama é ofertar a possibilidade de querer ser reconhecido e redimido de sua singularização, pela ilusão de ser único, insubstituível. O outro, ao limitar seu olhar e sua liberdade a mim de forma voluntária, traz legitimação à minha própria existência. Há uma promessa de que sou significativo para o outro. Se o outro me ama, não preciso temê-lo ou me sentir envergonhado por ser quem sou. O amor tem, portanto, uma forte ligação com a noção de *desejo* e de *autoilusão inconsciente*, na medida em que visam proteger-nos da angústia e da solidão fundamental da condição humana. Abrigar um nós, ser escolhido, sentir-se insubstituível seriam formas de legitimar minha existência.

Nos faz sentido então afirmar que, aquilo que Freud chama por *transferência positiva*, ou ainda *amor de transferência*, teria na daseinsanálise-hermenêutica um sentido ontológico de busca de redenção pela condição de ter que ser sempre a cada vez meu, através de um outro. O analista não deixa de se valer desta autoilusão, buscando a possibilidade de trabalho tanto a partir dela, como também a partir de sua superação.

20. Transferência e confiança

A confiança pode ser compreendida em três dimensões em Holzhey-Kunz (2021), *confiança pessoal*, *confiança hermenêutica* e *confiança no sentido*. Neste trabalho optamos por focar nossa atenção naquilo que a autora tem em vistas por *confiança pessoal*, justamente por esta estar muito proximamente ligada à *atmosfera do amor*. Com este termo ela tem em vistas: “a capacidade e prontidão para confiar por si mesmo em outros seres humanos, assim como para receber a confiança de outros seres humanos” (Holzhey-Kunz, 2021, p.183).

Como vimos, Freud (1912) propõe duas formas de transferência, *positiva* e *negativa*. Na primeira forma são transferidos sentimentos de carinho e amorosos para a figura do médico enquanto na segunda sentimentos hostis. Há, portanto, um potencial ambivalente no fenômeno da transferência, um caráter de *tensão afetivo-biográfica*, uma vez que os afetos que o analisando “nutre” pelo analista estão constantemente em jogo. Sendo assim, quando se dá uma transferência positiva, isto é, amorosa, o

caráter de potencial ameaçador do analista está minimizado, quando a transferência se dá de forma negativa, seu caráter está potencializado. Ambas são formas, contudo, de familiarização. O caráter *positivo-negativo*, no sentido freudiano da transferência é ôntico, não ontológico, resguardando um juízo moral. Mas em uma leitura daseinsanalítica, conquistamos também a transferência como forma de posituação do existir, como forma de autoilusão.

Há, portanto, o estabelecimento de um *crédito* ou *descrédito afetivo*, de uma *atmosfera de confiança* ou *desconfiança* na figura do analista. Toda confiança é, em verdade, um *adiantamento de confiança* (Holzhey-Kunz, 2021). De modo subsequente, toda desconfiança seria também um *adiantamento de desconfiança*. Seja qual for a modalidade, a (des)confiança “depositada” na figura do analista, pode propiciar uma forma privilegiada de *abertura compreensivo-afetiva* para o trabalho clínico, cada uma com seus desafios. A transferência é, digamos assim, uma espécie de “*encantamento afetivo*” sob o qual se dá o trabalho analítico, justamente pela necessidade que temos de afastar a constatação de que o *outro é para mim uma tarefa*. É mais palatável amar ou odiar uma figura que eu “já conheço”. Acolher a forma como estas atmosferas se abrem de forma precoce por parte do analista é fundamental para a condução do trabalho, justamente pela necessidade de buscar reconhecer quais os *temas* que se abrem sobre sua figura e que buscam um endereçamento por parte do paciente. Estes *temas* são vistos sempre como temas existenciais, ligados à aspectos específicos de sofrimento com o próprio ser por parte do paciente, e estão ligados diretamente ao sentido e a história de vida de cada analisando. Aos seus modos singulares de ser.

Holzhey-Kunz (2018; 2021) influenciada pela noção sartriana de *ser-para-os-outros*, tematiza a *vergonha* essencialmente como *angústia direcionada ao outro*, dado que o outro, na visão sartriana, se estabelece como um olhar que me posiciona e que tem o potencial de me desnudar em minha precariedade. A confiança age, portanto, tal como o amor, como um contrapoder¹⁰ à vergonha. Assim transferência enquanto autoilusão, e age de forma a “deslocar” e “condensar” inclusões ontológicas, sensibilizadas em outro momento, com outras pessoas, na atualidade da relação com o analista. Dito em outros termos, o *quid pro quo* (trocar uma coisa pela outra) que descontextualiza tanto a intensidade, quanto o sentido das vivências, são efeitos da autoilusão transferencial. O analista, visto como objeto e não como sujeito livre pelo paciente, pode ser assim o “depositário”, em um nível ôntico de expectativas infantis, e em um nível ontológico, da minha *responsabilidade* por ter-que-ser.

10. Boss, certamente influenciado por Binswanger, aponta em *Angústia, culpa e libertação*, sobre um contrapoder à angústia, que se manifesta nos fenômenos do amor, da confiança e do estar-abrigado (Boss, 1977, p.33)

Cabe ao analista se valer desta situação na possibilidade de ser a ocasião de abertura para a tematização das inclusões pré-ontológicas para as quais o paciente se mostra com uma *escuta particularmente* aguçada via transferência que ocorre na relação analista-analisando.

21. Manejo?

Seja pelo excesso de responsabilidade ao qual o analista é convocado a partir do estabelecimento da transferência, seja pelo excesso de vulnerabilidade a que os pacientes se submetem ao confiar aspectos tão íntimos de sua vida a um outro ou ainda, por uma frustração desproporcional e precoce do não cumprimento da expectativa do cliente, o analista é frequentemente convocado a se defrontar com a angústia, com a culpa e com a vergonha. Se uma relação desproporcional é almejada como base da situação terapêutica, no intuito de facilitar os a escuta daqueles temas que são particularmente frágeis e apontam para aspectos particularmente vulneráveis da vida de uma pessoa, tal posição exige como contrapartida uma prontidão do analista para estes afetos.

Da compreensão do modo como cada pessoa singular é *para-o-outro*, podemos ter indícios da forma como a inclusão pré-ontológica se manifesta no mundo deste cliente. É via a compreensão *da modalidade transferencial* que presenciamos na relação analítica que podemos sustentar uma escuta para a forma que cada pessoa *escuta* a verdade de sua condição. Neste sentido, podemos falar de formas de *escuta neurótica* e formas de *escuta psicótica*, que se manifestam nas diferentes *formas de transferência*. A compreensão dos modos de transferência podem nos abrir caminho assim tanto para quais regiões devemos investigar junto aos nossos clientes, sempre a partir da proximidade do que eles nos trazem (conteúdo manifesto), quanto para nos ajudar a pensar uma compreensão diagnóstica hermenêutica da forma como estão lidando com a condição humana, a saber de modo a sofrer com reminiscências (neurótico) ou a estar restritamente aderido às autoilusões em uma dissociação destas reminiscências (psicótico).

Tal competência de escuta diagnóstica pode nos poupar tempo e sofrimento desnecessários, na medida em que apontam para solicitações de cuidados distintos. Pessoas com modo de ser neuróticos em geral “pedem” por um trabalho de resgate da historicidade da narrativa que nos contam. Isto exige muitas vezes tanto a recondução criativa à origem de episódios do passado, o que é frequentemente iniciado a partir das entrevistas iniciais. Como vimos, para Holzhey-Kunz (2018), na infância somos expostos de maneira desproporcional e excessiva à verdade ontológica, dado

que estamos adquirindo uma relação protetora com o mundo a partir da sedimentação do impessoal. Seria, portanto, durante o desenvolvimento desta proteção que se estabelecem marcas biográficas que nos tornam *particularmente aguçados* para determinados temas existenciais, e portanto, *particularmente resistentes*. O trabalho do analista consiste em liberar caminho para que tais reminiscências sejam rearticuladas e integradas ao futuro, como aquilo que solicita e não mais aprisiona.

Falamos, portanto, de clínicas que pedem por cuidados terapêuticos radicalmente distintos, podendo uma atuação guiada pela compreensão de uma modalização de transferência neurótica em alguém que está operando seu existir em uma modalização de transferência psicótica com os outros ser altamente nefasta e destruturante, de forma precoce, impedindo a continuidade do trabalho analítico, tornando o cliente menos confiante na figura de terapeutas além de mais restrito e vulnerável. Vale ressaltar, contudo, que o que buscamos escutar não é uma neurose ou uma psicose, mas a forma como cada cliente lida com sua condição existencial a partir do que se mostra via transferência na relação analítica. Holzhey-Kunz (2021; 2018) nos apresenta a tonalidade privilegiada para o estabelecimento de tal escuta, a tonalidade da *simpatia*

Para autora, a *simpatia* diverge da *empatia*, sendo sua irmã ontológica (Holzhey-Kunz 2021). Se a *Empatia* é a busca por um esforço ôntico de se aproximar da forma como o outro vive concretamente uma situação, a *simpatia* é a afinação que se estabelece uma vez que posso como terapeuta escutar o outro a partir de um ouvido filosófico. Nela se dá a possibilidade de uma relação na qual analista-analisando se veem como parceiros de destino existencial, o que permite o paciente não apenas suportar mais a angústia e a vergonha, tornando-se mais experiente filosoficamente. Cabe a pergunta, seria a *simpatia* uma forma não autoilusória de amor? Tal investigação foge ao escopo de nosso trabalho.

22. Considerações Finais:

Compreendemos a transferência como um fenômeno ôntico, fundamental para a interpretação do que acontece no interior das relações humanas. O termo designa uma forma de *modalização familiarizadora* que concretiza a condição de *ser-para-os-outros*. Compreendemos esta *modalização* como forma de encobrimento da *conditio humana* que o outro concreto sempre representa, em sua manifestação ôntica. Sendo assim, a *transferência* é uma *possibilidade imanente ao movimento da existência*, dado que todo existir humano compartilhado pede por um encobrimento de seu caráter estranho.

O que se descerra na existência via transferência não é uma história passada simplesmente dada, uma vez que o ser-aí não é um ente marcado pela posse de uma história, mas ele precisa ser radicalmente sua história. Sendo a sua abertura de sentido, direcionada ao

futuro, marcada por compreensão, disposição e discurso, a transferência *é um aspecto modal* de tal abertura e tem um caráter protetivo ao precisar ser a cada vez meu junto aos outros. A transferência, pode ser interpretada existencialmente como uma *forma decaída* de lida com a abertura para o futuro, que promove a *fixação* ou *repetição* afetivo-compreensivo-discursiva. Em outras palavras, ela que propicia a manifestação de *tons* e *temas* do mundo do cliente para a situação analítica. A transferência tem, portanto, um caráter *hermenêutico*, e não *intrapsíquico*. Dito de outro modo, a transferência *é o caráter histórico inconsciente das afinações clínicas*. Ela não se confunde com o encontro analista-analisando, mas condiciona este que é o *locus* da terapia descrito por Boss. Dito de forma condensada, transferência *é sentido impróprio*. Ela condiciona em virtude de que a abertura compreensivo-afetiva se movimenta, de forma a encobrir a alteridade do analista. Tendo um caráter impróprio a transferência é desoneradora. Por isso a transferência é sempre a tentativa, autoilusória, de *deslocamento de responsabilidade* pelo próprio ser para a figura do analista. As *resistências* são restrições de origem histórico-afetivas, que buscam *encobrir as inclusões pré-ontológicas* imanentes ao existir e que, seja por uma predisposição, seja pelo nosso percurso histórico, tornam-nos particularmente aguçados, mas precisamos de algum modo negar e afastar. A escuta particularmente aguçada do analista para tais restrições permite resgatar o caráter histórico da *autoilusão transferencial*, de modo a ouvir também aquilo que é constitutivo da abertura de toda nova relação, as possibilidades de *construção e elaboração* terapêutica.

O presente trabalho, desenvolvido em consonância com a posição adotada por Holzhey-Kunz (2018) de compreender a Daseinsanálise como um campo autônomo no interior da Psicanálise, e de Medard Boss (1963) de rever o sentido das descobertas freudianas, nos leva a tomar a transferência como um condicionante da clínica daseinsanalítica. Se por um lado, buscar um vocabulário próprio à daseinsanálise, evitando o uso do termo “transferência”, buscando um distanciamento da tradição psicanalítica traz a possibilidade de iluminar outros aspectos da relação terapêutica, retomar com precisão o sentido do termo freudiano para a clínica daseinsanalítica, nos permite resgatar sua densidade fenomênica, tornando-se terreno fértil para um resgate mais transparente da relação entre a fazer psicanalítico e daseinsanalítico. Para tal é preciso assumir uma postura que continue a prezar e buscar por uma prática rigorosa em íntimo contato com as filosofias da existência e diversas modalidades de pensamento crítico, mas que se permita a um diálogo mais generoso com os fenômenos investigados pela matriz clínica psicanalítica e por nossas clínicas.

Vale lembrar que Holzhey-Kunz (2018) advoga pela coexistência de três tipos de escuta em seu programa: a freudiana, a interrelacional e a ontológica, sendo a

escuta freudiana aquela voltada para o sofrimento com reminiscências históricas. Sendo assim, manter uma escuta freudiana na daseinsanálise implica em manter uma escuta para a transferência, enquanto *modalização familiarizadora*, que pede por um manejo específico da situação e aponta para uma forma específica de relação com a situação faltante da *conditio humana*. Boss também advoga pela intrínseca harmonia entre daseinsanálise e psicanálise, desenvolvendo uma provisória, porém sistemática, aproximação de seus conceitos fundamentais.

Nesta direção, estudos aproximando as descobertas e proposições, tanto das escolas pós-freudianas, quanto de desenvolvimentos contemporâneos em psicanálise, são muito bem vindos e podem poupar a nós analistas, e principalmente, a nossos clientes, um precioso tempo e sofrimentos desnecessários, na medida em que possamos adquirir maior precisão em nossos *diagnósticos*, *nossas interpretações clínicas*, de qual tipo de sofrimento solicita por nossos procedimentos e lembrarmos que não precisamos “partir do zero” na forma de compreender e cuidar de diversas modalidades de sofrimento com o próprio ser.

É preciso lembrar que, quer queira quer não, sempre já partimos de uma compreensão prévia na forma de interpretar o sofrimento de nossos analisandos, estando estas influências tematizadas ou não, sendo ou não de origens psicanalíticas. Naturalmente, isto não deve impedir os daseinsanalistas de ir além destas compreensões, mas tê-las como familiares, de forma tematizada, nos possibilita não apenas a superar eventuais encurtamentos interpretativos produzidos, que nos levam a vícios interpretativos clínicos, como um desenvolvimento mais rigoroso e preciso de nossa prática.

Por fim, se a psicanálise é para Freud um método perigoso, por trabalhar com temas viscerais recalcados e potencialmente explosivos na relação analítica, via transferência, a daseinsanálise é um convite a radicalização deste perigo, pois não apenas continua a trabalhar com este material, como propõe um afastamento radical da lida teórico-explicativa, de caráter protetivo, em prol da manutenção de uma escuta aguçada para a verdade ontológica. Por outro lado, o daseinsanalista não pode abdicar completamente de uma lida teórico-compreensiva com a sistematização e ordenação dos fenômenos com que trabalha, dado que ela necessariamente é uma ciência ôntica, que se guia pela forma como os analisandos lidam com o sofrimento com o próprio ser. A formalização conceitual de uma clínica daseinsanalítica não se resume a um gesto de motivação meramente técnica¹¹, embora este também seja um

11. Não nos ocupamos neste estudo com a explicitação da questão da técnica para Heidegger. Cabe assim uma nota para afirmar que quando nos referimos à técnica não buscamos reivindicar um proceder pautado de forma dogmática no chamado pensamento calculador. Defendemos a sistematização ordenada de conhecimentos acumulados ao longo de nosso

motivo legítimo, mas também por uma motivação ética. É preciso pensar uma ética da vulnerabilidade para a daseinsanálise contemporânea. A ingenuidade metodológica, característica da fenomenologia husserliana, não é e não pode ser incondicional para o daseinsanalista que se debruça com necessidades concretas do cuidado clínico. Faz parte da prontidão do analista para a angústia, o *saudável entendimento* tanto da analítica existencial, como do sentido ontológico das recomendações e conceitos clínicos psicanalíticos, além claro de sua análise pessoal e supervisão. A recusa ingênua de analistas em se familiarizar com textos e contribuições dos saberes psicológicos atuais parece corresponder aquilo que Holzhey-Kunz (2016) aponta como *postura quase-religiosa* com a doutrina heideggeriana. Em seu artigo, ela aponta para a percepção de que daseinsanalistas contemporâneos parecem tomar de forma dogmática a metáfora de Heidegger de colocar as teorias na lousa e apagá-las. Suspende fenomenologicamente é algo muito diverso de simplesmente ignorar. Ser clínico implica na necessidade de uma relação mais livre o tanto com conceitos, psicanalíticos, quanto analítico existenciais. Tal liberdade exige o estudo sistemático e a confrontação com estas mesmas bases. Assim, a formulação do resgate de um conceito daseinsanalítico da *transferência* busca fazer coro ao *apelo por uma atitude mais racional na daseinsanálise contemporânea* (Holzhey-Kunz 2016).

fazer clínico como forma de produção de norteadores que tematizam de forma apropriada os desdobramentos ônticos daquilo que é ontológico em nossa prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DASEINSANALYSE, 2021c. Biografia Solon Spanoudis. Disponível em: <<http://www.daseinsanalyse.org.br/dr-solon-spanoudis.html>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

BARATTO, G. **Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud**. Estilos clin., São Paulo, v.15, n. 1, p. 228-247, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 ago. 2021.

BINSWANGER, L. (1942) **Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins**, Munique/Basiléia, Ernst Reinhardt Verlag, 1962.

BINSWANGER, L. (1935[1934]) Sobre psicoterapia (possibilidade e factualidade do efeito psicoterapêutico). In: **Psicoterapia e Análise Existencial: ensaios, conferências e outros documentos** / Ludwig Binswanger. Tradução Marco A. Casanova, Rio de Janeiro, Via Verita, p. 17-51, 2019.

BOSS, M. Angústia, culpa e libertação. In: **Angústia Culpa e Libertação: ensaios de psicanálise existencial**. Tradução Barbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BOSS, M. (1975) **Existential Foundations of Medicine and Psychology**, New York/London: Basic Books Inc. Publishers, 1983.

BOSS, M. (1974) Encontro com Boss, In: **Daseinsanalyse**, São Paulo, v. 1,2 e 4, p. 5-21, 1997.

BOSS, M. **Psychoanalysis and Daseinsanalysis** (1963). New York/London: Basic Books Inc. Publishers, 1982.

CASANOVA, M. A. Introdução. In: DILTHEY, W. **Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

EVANGELISTA, P.E.R.A. Transferência e resistência na psicoterapia daseinsanalítica de Medard Boss. In: **Psicologia Clínica e Psicoterapia**, org. José Paulo Giovanetti. Belo Horizonte: FEAD, p. 67-92, 2013.

EVANGELISTA, P.E.R.A. Sofrer pelo próprio ser: a Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz e a inclusão pré-ontológica da existência como fundamento do sofrimento existencial. jun. 2019. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 120-128, jun. 2019.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 ago. 2021.

DASTUR, F.; CABESTAN, P. **Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise**. Tradução Alexander de Carvalho. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

DILTHEY, W. **Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica**. Tradução Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica**, 2.ed.; 4.reimp; v.6. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, p. 107-118, 2021.

FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica**, 2.ed.; 4.reimp; v.6. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, p. 93-104, 2021.

FREUD, S. Lembrar, repetir, perlaborar (1914). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica**, 2.ed.; 4.reimp; v.6. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-161, 2021.

FREUD, S. Observações sobre o amor de transferência (1915 [1914]). In: **Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamentos da clínica psicanalítica**, 2.ed.; 4.reimp; v.6. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, p.165-180, 2021.

HOLZHEY-KUNZ, A. **Verdade Emocional: O conteúdo filosófico das experiências emocionais**. Tradução Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

HOLZHEY-KUNZ, A. **Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia**. Tradução Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

HOLZHEY-KUNZ, A. A plea for a rational attitude in contemporary Daseinsanalysis. **Daseinsanalyse**, v.32, p. 133-139, 2016

.HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (1927). Tradução Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LOPARIC, Z. Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? **Natureza humana**, v. 4, n. 2., p. 383-413, 2002.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica** (1943). Tradução Paulo Perdígão. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.